

# **Episódio 1: Geopolítica do Neopentecostalismo Nas Relações Brasil-África Lusófona**

Resumo:

Este episódio do PETCAST examina a geopolítica do neopentecostalismo a partir das relações entre o Brasil e a África Lusófona. Com a chegada da Igreja Universal do Reino de Deus em Angola e Moçambique, na década de 1990, fica evidente que está em curso um movimento transnacional de expansão de religiões neopentecostais do chamado “terceiro mundo”, especialmente do Brasil. Esse fenômeno impacta notavelmente as sociedades afro-lusófonas, trazendo transformações espaciais, sociais e financeiras.

Esse tema atraiu a atenção da mídia brasileira e internacional a partir de 2020, quando a Igreja Universal enfrentou uma crise nos países africanos — em especial Angola — que envolveu denúncias de corrupção, associação criminosa, evasão de divisas e lavagem de dinheiro. Foram registradas, também, denúncias de racismo contra os pastores angolanos, que incluíam imposição de esterilização e impedimentos à escalada na hierarquia de cargos na instituição. Essa crise culminou na deportação de parte da liderança da Igreja Universal em Angola, incluindo vários pastores brasileiros, criando um atrito diplomático entre os dois países. Em paralelo, nota-se que o Brasil e a Angola possuem relações de extensiva cooperação em diversos âmbitos, especialmente através da articulação da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP).

Frente a isso, o objetivo do podcast é compreender de que modo a expansão transnacional desse movimento religioso se articula a fluxos financeiros e redes de poder político, configurando o que alguns autores chamam de “soft power religioso brasileiro”. Mais do que uma simples expansão religiosa, esse é um projeto de poder que combina fé, mídia e capital, reconfigurando vínculos históricos entre o Brasil e a África Lusófona. Nesse sentido, compreender o neopentecostalismo como vetor geopolítico permite problematizar os limites e as contradições do “soft power religioso brasileiro”, revelando como discursos de salvação e prosperidade se entrelaçam à reprodução de desigualdades e disputas por influência no espaço afro-lusófono.

Nesse episódio do PETCAST, buscaremos entender *Como a expansão da Igreja Universal do Reino de Deus para os países da África Lusófona configura um exercício de Soft Power religioso brasileiro?*

## INTRODUÇÃO

**Apresentador 1:** Este é o PETCAST, um podcast produzido pelos bolsistas do programa PET/TEPP do Instituto de Relações Internacionais da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. O projeto conta com apoio do Instituto, mas lembramos que todo o conteúdo reproduzido é de responsabilidade dos bolsistas e não reflete posicionamento institucional. Este episódio foi gravado no Laboratório de Humanidades Digitais da PUC-Rio.

Inserção da vinheta do PETCast

## BLOCO 1

**Apresentador 1:** Olá! Sou o XXXXX, bolsista do PET do IRI PUC Rio e junto ao meu colega XXXX hoje iremos falar sobre a geopolítica do neopentecostalismo e a sua expansão para a África Lusófona nas últimas décadas. Queremos com esse episódio explicar como o neopentecostalismo nasceu e como ele se consolidou no Brasil, especialmente com a criação da Igreja Universal do Reino de Deus. Depois, entraremos em detalhes de como a Universal conseguiu se expandir para países como Moçambique e Angola e as transformações que se seguiram desse processo. Também nesse episódio contamos com a colaboração de XXXXX, XXXXXX que gentilmente aceitou ser entrevistado por nós para a produção desse episódio.

Inserção musical

**Apresentador 2:** Para entender a nossa discussão, precisamos falar um pouco do pentecostalismo e suas fases. O Movimento Pentecostal surgiu no início do século 20, nos Estados Unidos. Ele é caracterizado pela manifestação do Espírito Santo e pela ligação pessoal com Deus. O teólogo britânico Allan Anderson, divide o pentecostalismo americano em 3 fases. A primeira é o pentecostalismo clássico, que se caracteriza pelo batismo no Espírito Santo. A segunda é conhecida como Movimento Carismático, que inclui líderes que passaram por um reavivamento e continuam nas igrejas pregando a palavra. A terceira, e mais importante para esse episódio, é a fase neo-carismática ou de Igrejas Neopentecostais independentes.

O neopentecostalismo chegou na América Latina em meados dos anos 70 e foi se fortalecendo no decorrer dos anos 80 e 90. Segundo o sociólogo da USP Ricardo Mariano, as igrejas neopentecostais possuem traços de seita, grande participação política partidária e uma

intensa presença na mídia. A grande missão do neopentecostalismo é pregar e difundir a chamada Teologia da Prosperidade. A Teologia da Prosperidade defende a crença de que apenas o cristão legítimo será próspero. Essa teoria diz que saúde, felicidade e propriedade material são direitos anunciados na Bíblia apenas para cristãos que declaram e espalham a palavra de Deus. As principais igrejas neopentecostais brasileiras são a Internacional da Graça de Deus, a Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra, a Renascer em Cristo e, a maior delas, a Igreja Universal do Reino de Deus.

**Apresentador 1:** Agora, vamos falar especificamente sobre a história da Igreja Universal do Reino de Deus que foi fundada em 1977 pelo bispo Edir Macedo, em um galpão de uma antiga funerária na Abolição, que é um bairro da zona norte do Rio de Janeiro. O Brasil vivia um momento difícil devido à ditadura militar e à então recente primeira crise do petróleo. Ou seja: a população se encontrava fragilizada pela brutalidade do regime e pelas consequências econômicas de um complexo cenário global. Esse contexto é importante pra gente entender por que a Universal se mostrou atrativa para tantas pessoas futuramente.

A igreja é liderada por figuras carismáticas cheias de discursos emocionantes, que constantemente fazem alusão a seres malignos responsáveis pelo sofrimento humano, como o Diabo. Muito do trabalho da Universal nessa época já era feito com população sob intenso sofrimento: como doentes, presidiários e pessoas em situação de rua, ou seja, pessoas que estariam “perdidas” e precisando ser salvas.

O foco de sua pregação é a propagação do Evangelho e a promessa de salvação do mal através de 10 passos, que requerem a presença constante do fiel na igreja e suas atividades. A mensagem é essa: se você se dedicar, você estará livre desses seres das trevas e será um novo homem.

É importante que o fiel siga essa espécie de tutorial de forma pragmática a fim de prosperar, sendo a fé o seu motor para enfrentar as dificuldades. O fiel é retratado então como autossuficiente em sua jornada e suas escolhas devem refletir o Evangelho, sendo bem vistos gestos de “dar” a outros, grupo que inclui a própria igreja.

Segundo o pesquisador Gustavo Abreu, a Universal se destacou por oferecer uma coisa que ele chama de “fé inteligente”: que seria uma forma de espiritualidade que conecta o sucesso material à fé e ensina os fiéis a desafiar Deus por meio de sacrifícios financeiros.

**Apresentador 2:** Agora que a gente já entendeu um pouco mais sobre o que é o neopentecostalismo, chegou o momento de compreender como esse movimento se espalhou tão rápido pelo Brasil nos anos 1990. Nesse período, o movimento passou por uma explosão de crescimento, tanto no número de fiéis quanto no de templos.

Entre os anos 1990 e 2019, o número de templos evangélicos no Brasil cresceu 543%, o que significa que, em média, 17 novos templos foram abertos por dia. Segundo o Censo Demográfico do IBGE de 2022, a proporção de evangélicos mais do que dobrou entre 1990 e 2010, passando de 9% para 22,2% da população brasileira. Ou seja, nas últimas três décadas, o neopentecostalismo se tornou um dos movimentos religiosos mais influentes do país.

Mas o que explica esse crescimento tão acelerado? Para o sociólogo Ricardo Mariano (2008), esse avanço está muito ligado a fatores internos da própria estrutura evangélica, especialmente dos grupos pentecostais e neopentecostais. Essas igrejas investiram pesado em organização, formação rápida de pastores, abertura constante de novas congregações e arrecadação agressiva de recursos. Isso criou uma máquina de expansão que se adaptava rápido e alcançava até os cantos mais periféricos das grandes cidades.

**Apresentador 1:** Outro ponto importante é que o neopentecostalismo soube falar a língua do povo. As igrejas passaram a usar a mídia - rádio, televisão e, hoje em dia, a internet - para pregar mensagens sobre prosperidade, cura e superação pessoal. Por exemplo, Edir Macedo comprou em 1989 o Grupo Record, o que aumentou imensamente a projeção da Universal. Essa linguagem prática e emocional aproximou muita gente que se sentia deixada de lado por outras instituições religiosas ou pelo próprio Estado.

Segundo uma reportagem da BBC Brasil (2023), esse crescimento também tem relação com a mudança de perfil dos fiéis: homens e mulheres de diferentes classes sociais passaram a ver nessas igrejas um espaço de pertencimento, reconhecimento e oportunidade. Isso acabou se refletindo em outras áreas da sociedade, principalmente na política, na economia e na cultura popular.

Além disso, o neopentecostalismo cresceu também em influência social e ideológica. Como aponta o site Tricontinental (2020), esse movimento ajudou a recolocar valores conservadores e tradicionalistas no debate público brasileiro, influenciando pautas políticas e até a forma como se discute moral e família no país. Ou seja, o que começou como um movimento religioso, acabou se tornando uma força cultural e política de peso.

E tudo isso explica por que, nos anos 90 e 2000, o neopentecostalismo deixou de ser um fenômeno de nicho e passou a ocupar espaços centrais na vida brasileira - das regiões mais simples aos gabinetes políticos, das igrejas de bairro às emissoras de televisão.

As Igrejas neopentecostais brasileiras alcançaram tanta influência que passaram a se projetar internacionalmente. O principal destino dessa expansão foi o continente africano, especialmente os países de língua portuguesa. No próximo bloco, vamos entender como se deu o processo, usando a chegada e consolidação da Igreja Universal em Angola e Moçambique como estudo de caso.

### Inserção musical

## BLOCO 2

**Apresentador 2:** Quando as primeiras igrejas neopentecostais estavam chegando na África Lusófona, no início da década de 1990, elas encontraram um cenário de profundas transformações.

Moçambique e Angola, que são dois países de língua portuguesa, saíam de longos períodos de guerra civil e tentavam se reconstruir socialmente, politicamente e espiritualmente. Nos dois casos, a guerra civil começou no meio da década de 1970, quando esses países se tornaram independentes de Portugal.

Em Moçambique, a guerra começou em 1977 e foi até 1992, colocando frente a frente o governo da FRELIMO (Frente Nacional de Libertação de Moçambique), de orientação marxista, e a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana), grupo de oposição anticomunista. Já em Angola, o país entrou em guerra em 1975, num conflito entre o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), também de base socialista, e a UNITA (União Nacional Para a Independência Total de Angola), de perfil anticomunista — conflito que durou até 2002.

**Apresentador 1:** Essas guerras devastaram as economias, fragmentaram os territórios e deixaram milhões de deslocados internos. Quando finalmente chegaram à paz, os dois países enfrentavam o mesmo desafio: reconstruir o Estado e restaurar a identidade nacional. Foi nesse contexto, de crise e recomeço, que o neopentecostalismo — especialmente a Igreja Universal do Reino de Deus — encontrou um terreno fértil para se expandir.

Um fator importante foi a urbanização acelerada durante e após a guerra civil, que levou milhares de pessoas das áreas rurais para as cidades. Nos centros urbanos, especialmente nas zonas periféricas, a Igreja Universal se expandiu rapidamente.

**Apresentador 2:** A presença midiática foi uma das chaves do sucesso da expansão. Em 1989, Edir Macedo comprou a Rede Record. Pouco tempo depois, esse canal de televisão passou a ser usado como instrumento de difusão internacional do discurso e das campanhas da Igreja Universal. A Record chegou a Angola em 1990, e em Moçambique em 1998, alcançando enorme audiência.

**Apresentador 1:** Vamos analisar como isso se deu em cada um desses países:

Em Moçambique, o contexto religioso tem raízes complexas.

Durante o período colonial, as igrejas cristãs eram vistas como parte da estrutura de dominação portuguesa. A Igreja Católica ocupava o centro da vida religiosa e política, enquanto as igrejas protestantes ficavam à margem do poder.

Mas, com a independência, essa relação se transformou radicalmente.

O novo governo da FRELIMO adotou uma orientação socialista e passou a ver a religião como um obstáculo à modernização do país. O Estado se declarou oficialmente ateu, e as políticas públicas passaram a reprimir a prática religiosa, associando-a ao atraso e ao colonialismo. Igrejas católicas, protestantes e até curandeiros tradicionais foram perseguidos.

Mas essa postura não resistiu às dificuldades dos anos seguintes. A guerra civil, a crise econômica e a dependência de ajuda humanitária internacional obrigaram o governo a rever suas posições.

A partir dos anos 1980, a FRELIMO começou a se aproximar das igrejas neopentecostais, reconhecendo o papel que elas tinham na distribuição de alimentos, roupas e serviços básicos

em regiões onde o Estado não conseguia chegar. Assim começou uma nova fase de diálogo e cooperação.

A pesquisadora Teresa Cruz e Silva chama esse processo de “revitalização religiosa” — quando o espaço público moçambicano voltou a se abrir à fé, não mais como herança colonial, mas agora como parte da reconstrução nacional partindo das igrejas protestantes. Então, essas igrejas neopentecostais acabaram ficando intimamente ligadas à formação do Estado nacional moçambicano, da mesma forma que a Igreja Católica foi vinculada ao projeto do Estado colonial português.

Foi exatamente nesse ambiente de abertura e esperança que a Igreja Universal do Reino de Deus desembarcou em Moçambique, em 1992, no mesmo ano em que um Acordo de Paz pôs fim à guerra civil. A chegada da Igreja Universal coincidiu com um momento em que o país buscava estabilidade e reconstrução da sua identidade nacional — e a mensagem de superação e prosperidade típica dessas igrejas se alastrou rapidamente entre pessoas que haviam perdido quase tudo.

**Apresentador 2:** O caso de Angola foi parecido.

Assim como em Moçambique, as igrejas neopentecostais encontraram um ambiente de reconstrução nacional, em que o Estado enfraquecido procurava novos parceiros para recompor o tecido social.

Após a independência em 1975, a relação entre igrejas e o MPLA se tornava cada vez mais problemática por suspeita de alienação política. Mas, a partir de 1987, Angola passa a dispor de um estatuto jurídico que permite a operação legal de instituições religiosas. Isso aconteceu porque esse foi um período de enfraquecimento das ideias marxistas do MPLA, dando lugar a um crescimento das tendências neoliberais no país.

A Igreja Universal do Reino de Deus chegou em Angola em 1991, começando a operar legalmente no Estado em 1992 junto com outras 50 instituições religiosas, se aproveitando da onda de novas igrejas neopentecostais africanas para conseguir fiéis. Angola foi o primeiro país africano com templos da Universal, servindo de teste para as estratégias que depois seriam replicadas em outros países do continente, como a demonização das Igrejas Africanas Independentes e das Religiões Tradicionais Africanas.

A Universal se estabeleceu primeiro em Luanda, a capital, que na década de 1990 vivia um verdadeiro boom econômico e populacional. Eles concentraram seus primeiros templos nos centros urbanos mais populosos, associando sua imagem à modernização e ao progresso.

A igreja investiu em infraestrutura, alianças políticas com membros do MPLA, e na construção de catedrais monumentais como símbolos do seu poder crescente.

Com o apoio da Rede Record, a mensagem da Universal se espalhou rapidamente — em 2004, já tinham templos em todas as 18 províncias de Angola.

Nesse período, essas igrejas passaram a ser vistas como as “detentoras de respostas às necessidades da população”. A Igreja Universal se apresentava não só como espaço de fé, mas também como instituição capaz de oferecer apoio concreto — cestas básicas, redes de solidariedade e assistência social. Essa combinação de espiritualidade e pragmatismo fez com que ela ganhasse rapidamente legitimidade e influência.

A socióloga Ester Teixeira observa que essa expansão só foi possível graças à abertura política e à fragilidade do Estado no pós-guerra. Com menos controle e mais urgência social, abriu um vácuo que as igrejas neopentecostais transnacionais preencheram oferecendo respostas espirituais e materiais.

**Apresentador 2:** Como podemos ver, a chegada da Igreja Universal do Reino de Deus na África Lusófona não foi um movimento improvisado.

Segundo a pesquisadora Jéssica Tissen, essa expansão seguiu uma lógica estratégica e empresarial, cuidadosamente planejada pela cúpula da Universal.

O procedimento era quase sempre o mesmo: primeiro, eles faziam um levantamento dos países e cidades considerados promissores. Em seguida, pastores eram enviados para alugar espaços de grande circulação — de preferência cinemas desativados ou prédios centrais — onde se instalavam os primeiros núcleos religiosos. Quando esses núcleos cresciam, eles compravam terrenos e construíam templos próprios. Todo esse processo é marcado por uma forte hierarquia institucional, presente em todos os países onde a Universal atua.

**Apresentador 1:** Talvez o aspecto mais interessante da expansão do neopentecostalismo sobre a África Lusófona esteja na forma como a Universal dialogou com as religiões locais.

A antropóloga Livia Reis diz que o sucesso da Universal na África se deveu à sua capacidade de se adaptar às tradições espirituais locais sem abandoná-las por completo. Diferente do protestantismo clássico, mais rígido, a Universal incorporou elementos das práticas religiosas africanas, especialmente aqueles ligados ao mundo dos espíritos ancestrais.

A Universal não nega a existência dessas entidades, como faz a Igreja Católica, mas ela as ressignifica como demônios que devem ser combatidos. Com isso, ela cria uma ruptura com as religiões de matriz africana, ao mesmo tempo em que se apropria de seus símbolos e linguagens.

**Apresentador 2:** Esses acontecimentos em Angola e Moçambique se inserem em um contexto africano mais amplo do período de descolonização. O cientista social Paul Freston argumenta que, desde o final dos anos 1970, a euforia das independências africanas foi substituída por uma profunda decepção. O sonho de desenvolvimento rápido não se concretizou, e os Estados enfraquecidos não conseguiram atender às expectativas de uma geração inteira.

Essa frustração abriu espaço para o crescimento das igrejas neopentecostais. Elas surgiram com um novo perfil: fundadas por africanos, mais próximas das tradições locais e menos associadas ao passado colonial. Ao contrário das antigas igrejas mainstream — católica, anglicana, presbiteriana ou metodista, dirigidas por missionários brancos —, as novas igrejas se tornaram símbolos de autonomia e renovação espiritual.

Então, podemos perceber como a chegada da Igreja Universal do Reino de Deus em Angola e Moçambique faz parte de um processo político e social amplo, em que fé e poder se entrelaçam. A década de 1990 marca o encontro entre as crises africanas do pós-independência e a expansão global do Neopentecostalismo brasileiro — um cruzamento de trajetórias que redesenham o mapa da religiosidade no Atlântico Sul.

**Apresentador 1:** É importante deixar claro que a atuação de uma instituição religiosa tem sim um caráter político. Não porque tem ali no cerne delas um projeto político em si, mas de fato a sua expansão tem efeitos sobre as sociedades. As religiões são constituídas de uma série de valores e orientam como o indivíduo vai agir em relação a vida e o outro no geral, então chega a ser inevitável que elas tenham efeito sobre a política também. A religião de um líder político, por exemplo, pode ser sim um fator que altera o cálculo feito para tomar uma decisão.

Existem países em que a religião está intimamente ligada à identidade nacional. Como por exemplo, Israel e o judaísmo, a Arábia Saudita e o islamismo. Isso não é tão forte quando a gente pensa no Brasil né que tecnicamente é um Estado laico, mas a gente sabe que na prática, a religião participa ativamente da política por aqui. No caso da Universal, isso ganha uma dimensão ainda mais clara, já que temos oficialmente no Congresso Federal a presença de uma bancada evangélica. Ou seja: a Universal participa da política e consegue projetar seus valores e interesses de tal maneira que atinge e molda a estrutura do poder legislativo do nosso país.

Mesmo quando ela se projeta para fora do território brasileiro, a Universal consegue sim impactar a política, exercendo aquilo que a gente chama de *soft power* religioso. O *soft power* já é um conceito mais famosinho criado por Joseph Nye e, que pode ser definido como quando um agente usa de meios como diplomacia, cultura para moldar as preferências de outros e conseguir o que queremos, ao invés de utilizar da força, por exemplo. Quando a religião é utilizada como ferramenta de *soft power*, a gente chama isso de *soft power* religioso. Fica claro que não dá pra separar a atuação da Universal da política, muito menos da brasileira.

**Apresentador 2:** Mas essa influência também carrega contradições. Há também uma dimensão de ordem racial, uma ideia de que os brasileiros seriam espiritualmente mais evoluídos que os africanos — um discurso que repete, de forma disfarçada, as antigas hierarquias coloniais.

Assim, a expansão da Igreja Universal para a África Lusófona não foi apenas religiosa. Ela combinou religião, mídia e poder, permitindo que o Brasil projete sua influência política e simbólica sobre os países da África Lusófona.

Com a promessa de prosperidade e pertencimento, a Igreja Universal conquistou milhões de fiéis e se tornou uma força política e social de alcance transnacional, conectando o Brasil a Angola e Moçambique por meio de redes de fé, dinheiro e poder simbólico.

Inserção musical

### Bloco 3

**Apresentador 2:** Depois de entender a expansão da Igreja Universal em Angola e Moçambique — e como o neopentecostalismo virou um tipo de soft power brasileiro — agora é hora de falar sobre uma parte importante dessa história: a crise da Universal nesses países, que estourou em 2020.

Pois é, a casa foi caindo.

Até esse momento, a Universal era uma das igrejas mais influentes da região. Tinha presença em dezenas de países africanos, controlava rádios, emissoras de TV e possuía uma estrutura financeira enorme. Em muitos lugares, a Igreja assumia funções sociais que o Estado não conseguia cumprir, como por exemplo, assistência alimentar e até mesmo campanhas de saúde.

Tudo isso começou a desmoronar quando surgiram denúncias graves sobre corrupção e abuso de autoridade vindas de dentro da própria instituição, especialmente de pastores angolanos.

**Apresentador 1:** Foi aí que nasceu o movimento conhecido como “Reforma”. Em 2020, um grupo de bispos e pastores angolanos rompeu oficialmente com a liderança brasileira da Igreja Universal. Segundo o *The Intercept Brasil* (2020), mais de 300 dos 455 religiosos locais aderiram ao movimento e assumiram o controle de cerca de 85% dos templos da Universal em Angola. Eles divulgaram um manifesto denunciando a direção brasileira por corrupção, evasão de divisas, lavagem de dinheiro e discriminação racial, além de práticas autoritárias dentro da instituição.

As denúncias também incluíam casos bem específicos. Alguns pastores angolanos relataram que eram impedidos de ocupar cargos de liderança e até pressionados a fazer vasectomia, algo que os missionários brasileiros não precisavam fazer. Essa exigência viola direitos humanos e as leis angolanas, além de ser completamente incompatível com os costumes locais. A justificativa oficial era a “dedicação integral à obra de Deus”, mas, na prática, isso deixava evidente uma hierarquia racial e de poder dentro da Igreja.

**Apresentador 2:** E não parou por aí. De acordo com este mesmo artigo, a liderança brasileira chegou a vender patrimônios da Igreja em Angola, como residências e terrenos, sem consultar os pastores locais. Esse tipo de decisão fez com que aumentasse ainda mais o sentimento de insatisfação entre os líderes angolanos, que passaram a ver o comando brasileiro como uma espécie de poder colonial dentro da própria igreja.

De acordo com um artigo da Revista Mediações, a crise acabou dividindo a Igreja Universal em duas alas: a Ala da Reforma, formada pelos pastores angolanos, e a Ala Brasileira, ligada à direção original da Igreja. As acusações de corrupção, racismo e abuso de poder foram negadas pelos brasileiros, que disseram que tudo não passava de uma armação de ex-bispos e ex-pastores desligados por “condutas impróprias”.

Além disso, a ala brasileira tentou se defender afirmando ser vítima de xenofobia, e essa narrativa acabou ganhando força, chegando até a mobilizar grupos religiosos e políticos fora de Angola.

**Apresentador 1:** Mesmo assim, a situação só piorou. Diante das denúncias, o governo angolano decidiu intervir diretamente. As autoridades abriram investigações sobre as finanças da Universal, fecharam templos, confiscaram bens e assumiram o controle de diversas sedes. Alguns pastores brasileiros foram deportados, e o caso deixou de ser apenas uma crise religiosa para se tornar tensões diplomáticas entre Angola e o Brasil.

Durante o governo de Jair Bolsonaro, no ano de 2020, o episódio ganhou ainda mais destaque político. Bolsonaro chegou a enviar uma carta oficial ao presidente angolano, João Lourenço, pedindo garantias de segurança para os missionários brasileiros e defendendo o “direito à liberdade religiosa”.

Ao mesmo tempo, o Itamaraty colocou em sigilo 68 telegramas diplomáticos trocados entre a Embaixada do Brasil em Luanda e o Ministério das Relações Exteriores, entre 2018 e 2020. Segundo uma reportagem de Leandro Prazeres (2021), esse sigilo foi imposto em meio à maior crise enfrentada pela Igreja Universal na África, cujo líder, Edir Macedo, era um conhecido apoiador do então presidente Bolsonaro. O Itamaraty afirmou que a divulgação dos documentos poderia “colocar em risco as relações internacionais do país”, já que o conteúdo tratava de questões sensíveis da política externa brasileira.

**Apresentador 2:** Esses telegramas poderiam revelar como o governo brasileiro lidou com o conflito e até como a crise da Igreja Universal estava afetando outros brasileiros em Angola, mesmo os que não tinham ligação com a instituição. Ou seja, o impasse religioso acabou se transformando num tema de diplomacia de Estado, com potencial de gerar tensões políticas entre Brasil e Angola, especialmente pela percepção de que o governo brasileiro poderia estar misturando interesses religiosos com política externa.

Em outras palavras, um conflito que começou dentro da Igreja Universal se ampliou a ponto de entrar na agenda oficial da política externa brasileira, mostrando como a fé pode atravessar fronteiras e influenciar diretamente a política de um país.

Mas essa crise não ficou restrita aos templos ou às embaixadas. Ela também ganhou espaço na mídia, tanto em Angola quanto no Brasil. Enquanto a nova liderança reformista se consolidava em Angola, a Rede Record, emissora ligada ao bispo Edir Macedo, passou a tratar o assunto intensamente aqui no Brasil em seus programas de notícias.

**Apresentador 1:** É isso mesmo. De acordo com o sociólogo Armindo de Jesus, a mídia da Universal no Brasil atuou de forma contrária às justificativas dos reformistas. A Record exibiu reportagens que mostravam parlamentares brasileiros falando sobre a situação dos missionários e apresentou os membros da Ala Brasileira como vítimas de perseguição política e religiosa.

Já os reformistas angolanos foram retratados como ex-pastores expulsos por condutas imorais e criminosas. Ou seja, o conflito também virou uma disputa de narrativas midiáticas internacionalmente. E essa disputa foi além. Quando um grupo de pastores brasileiros chegou ao Brasil alegando ter sido ameaçado, agredido e expulso de Angola, a Rede Record fez toda uma cobertura da chegada desses missionários em São Paulo, reforçando a imagem de que eram perseguidos por sua fé.

Por outro lado, o Jornal de Angola noticiou que pelo menos 51 missionários brasileiros da Ala Brasileira foram notificados a deixar o país, na verdade, por estarem em situação migratória irregular. E a ala brasileira ignorou essas notícias e continuou articulando estratégias políticas e religiosas, buscando mobilizar fiéis e simpatizantes, dentro e fora de Angola.

Essas trocas mostram como a crise foi muito além da religião: ela ativou disputas de identidade nacional, discursos patrióticos e reivindicações políticas, revelando também uma Angola moderna em busca de autonomia e soberania.

**Apresentador 2:** Do lado angolano, o entendimento era bem diferente. Para o governo de Angola, o verdadeiro problema estava no excesso de controle estrangeiro sobre o dinheiro e sobre o funcionamento das igrejas locais.

A crise, então, deixou de ser apenas uma questão interna da Universal e passou a abalar diretamente as relações bilaterais entre Brasil e Angola, algo inédito até então.

E vale lembrar que Brasil e Angola mantêm laços históricos fortes — econômicos, culturais e linguísticos — e são ambos membros fundadores da CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa. Ou seja, o que começou como uma disputa dentro de uma igreja acabou gerando ruídos políticos e diplomáticos reais entre dois países que, até então, tinham uma parceria marcada pela cooperação e pela afinidade cultural. Olha só como religião não está tão separada da política, quanto se pensa por aí...

E o mais interessante é perceber como essa crise nos faz pensar sobre os limites do chamado soft power religioso brasileiro. Porque quando a fé, o dinheiro e a política se misturam, o que era influência simbólica pode facilmente se tornar tensões reais entre dois países.

No fim das contas, o caso da Universal mostra que o poder religioso também é um poder geopolítico.

**Inserção musical**

#### **BLOCO 4 (entrevista)**

**Apresentador 1:** Seja muito bem-vindx ao nosso podcast!...

#### **Referências Bibliográficas:**

ABREU, Gustavo Luiz Xavier de. **A estratégia espacial da Igreja Universal do Reino de Deus na África:** África do Sul, Angola e Moçambique. 2024. 205 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

CASARÕES, Guilherme; SMITH, Amy Erica. Brazil above Everything or God above Everyone? In: **The Geopolitics of Religious Soft Power.** Oxford: Oxford University Press, 2023. p. 248–268.

CARMO, Claudio Marcio do. **Sobre a instituição da Igreja Universal do Reino de Deus:** uma análise de sua “realidade” como um fator preponderante no processo de conversão. Saberes

Interdisciplinares, [s.l.], 2011. Disponível em:

<https://uniptan.emnuvens.com.br/SaberesInterdisciplinares/article/download/107/104>.

CARVALHO, Rone. O que explica multiplicação de templos evangélicos no Brasil. **BBC News Brasil**, São Paulo, 25 jul. 2023. Disponível em:

<https://www.bbc.com/portuguese/articles/crgl7x0e0lmo>. Acesso em: 12 out. 2025.

CAVALO, Abel. ULRICH, Claudete. **Igreja Universal do Reino de Deus em Angola: Um Breve Olhar Sobre a Crise**. Protestantismo em Revista, São Leopoldo, v. 47, n. 01, p.32-48, jan./jun. 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/PR/article/download/821/1746/2854>. Acesso em: 10 out. 2025.

D'ERCOLE, Ronaldo. Grupo Record, do bispo Edir Macedo, compra 40% do Banco Renner. **O Globo**, Rio de Janeiro, 23 out. 2009. Disponível em:

<https://oglobo.globo.com/economia/grupo-record-do-bispo-edir-macedo-compra-40-do-banco-renner-3137883>. Acesso em: 12 out. 2025.

FIOROTTI, S. **Considerações sobre a transnacionalização iurdiana**: o caso da Igreja Universal do Reino de Deus (IURD) em Moçambique. Disponível em:

[https://www.academia.edu/5097825/Considera%C3%A7%C3%B5es\\_sobre\\_a\\_transnacionaliza%C3%A7%C3%A3o\\_iurdiana\\_o\\_caso\\_da\\_Igreja\\_Universal\\_do\\_Reino\\_de\\_Deus\\_IURD\\_em\\_Mo%C3%A7ambique](https://www.academia.edu/5097825/Considera%C3%A7%C3%B5es_sobre_a_transnacionaliza%C3%A7%C3%A3o_iurdiana_o_caso_da_Igreja_Universal_do_Reino_de_Deus_IURD_em_Mo%C3%A7ambique). Acesso em: 10 out. 2025.

GRAGNANI, Juliana. Como a Igreja Universal criou “império brasileiro” na África. **BBC News Brasil**, 22 jun. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-57517577>.

Acesso em: 14 out. 2025.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Massachusetts: Pearson Education, 2011. Disponível em: <https://is.cuni.cz/studium/predmety>. Acesso em: out. 2025.

MARIANO, Ricardo. Os neopentecostais e a teologia da prosperidade. **Novos Estudos CEBRAP**, n. 44, p. 26–30, mar. 1996. Disponível em:

<https://laboratoriohistoriadaarte.wordpress.com/wp-content/uploads/2017/09/neopentecostais-e-teologia-da-prosperidade-mariano.pdf>.

MARIANO, Ricardo. Crescimento Pentecostal no Brasil: fatores internos. **REVER – Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, n. 4, dez. 2008, p. 68-95. Disponível em:

[https://www.pucsp.br/rever/rv4\\_2008/t\\_mariano.pdf](https://www.pucsp.br/rever/rv4_2008/t_mariano.pdf). Acesso em: XX abr. 2025.

NASCIMENTO, G. Igreja Universal tirava ilegalmente US\$ 120 milhões de Angola, dizem bispos. **UOL Notícias**, São Paulo, 18 nov. 2021. Disponível em:

<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/11/18/igreja-universal-angola-dolares.htm>.

Acesso em: 11 out. 2025.

NASCIMENTO, G. Bispos de Angola engrossam denúncia sobre retirada ilegal de dólares da Igreja Universal no país. **Intercept Brasil**. Disponível em:

<https://www.intercept.com.br/2020/10/21/ex-bispos-da-universal-engrossam-denuncia-sobre-retirada-legal-de-dolares-da-igreja-em-angola/>. Acesso em: 11 out. 2025.

NOBRE, Fábio. Resenha: Religião e Relações Internacionais: dos debates teóricos ao papel do cristianismo e do islã, por Anna Carletti e Marcos Ferreira. João Pessoa: **Revista de Estudos Internacionais**, Universidade Federal da Paraíba, v. 9, p. 206–207, 2018. Disponível em: <https://d1wqtxts1xzle7.cloudfront.net/...> Acesso em: out. 2025.

OZTURK, Ahmet. **Religious Soft Power**: Definition(s), Limits and Usage. Department of Political Science and International Relations, London Metropolitan University, Londres, p. 3, 2023. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/367258006\\_Religious\\_Soft\\_Power\\_Definitions\\_Limits\\_and\\_Usage/fulltext](https://www.researchgate.net/publication/367258006_Religious_Soft_Power_Definitions_Limits_and_Usage/fulltext). Acesso em: 11 out. 2025.

PICOLOTTO, Mariana. **O pentecostalismo no Brasil**: uma reflexão sobre novas classificações. 2016. Dissertação (Pós-graduação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

SAINZ, V. **The Evangelical–Populist Nexus and Democratic Risks in Brazil**. Atlas Institute for International Affairs. Disponível em: <https://atlasinstitute.org/the-evangelical-populist-nexus-and-democratic-risks-in-brazil/>. Acesso não especificado no documento.

SILVA, A. **A percepção moçambicana frente à atuação da Igreja Universal do Reino de Deus em seu país**. Porto Alegre, 2021. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Faculdade de Ciências Econômicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/231474/001132909.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 out. 2025.

TISSSEN, Jéssica D. R. **Transnacionalização da Igreja Universal do Reino de Deus**: um estudo de caso sobre Portugal e Moçambique (1989–2019). Florianópolis, 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Relações Internacionais) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Socioeconômico.

IGREJA UNIVERSAL DO REINO DE DEUS. **10 passos**. [s.l.], [s.d.]. Disponível em: <https://www.igrejauniversal.pt/o-senhor-jesus/10-passos/>. Acesso em: 13 out. 2025.